



Organizadoras

Eliana dos Reis Betancourt
Mariana Rodrigues Anconi

PSICANÁLISE

Psicanálise afora

*Percurso e clínica de psicanalistas brasileiros
no estrangeiro*

Blucher

PSICANÁLISE AFORA

*Percurso e clínica de psicanalistas
brasileiros no estrangeiro*

Organizadoras

Eliana dos Reis Betancourt

Mariana Rodrigues Anconi

Psicanálise afora: percurso e clínica de psicanalistas brasileiros no estrangeiro

© 2021 Eliana dos Reis Betancourt e Mariana Rodrigues Anconi (orgs.)

Editora Edgard Blücher Ltda.

Imagem da capa: Come and Go, por Jesse Stone (Stonecollages)

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonatas Eliakim

Produção editorial Bárbara Waida

Preparação de texto Andréa Stahel

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto Beatriz Carneiro

Capa Leandro Cunha

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação

na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Psicanálise afora : percurso e clínica de psicanalistas brasileiros no estrangeiro / organizadoras: Mariana Rodrigues Anconi, Eliana dos Reis Betancourt. – São Paulo : Blucher, 2021.

304 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-276-2 (impresso)

ISBN 978-65-5506-274-8 (eletrônico)

1. Psicanálise. 2. Migração – Aspectos psicológicos. 3. Psicologia clínica. 4. Estrangeiridade. I. Anconi, Mariana Rodrigues. II. Betancourt, Eliana dos Reis.

21-0721

CDD 150.195

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Apresentação	9
Um país chamado psicanálise <i>Eliana dos Reis Betancourt</i>	15
Da cidade ideal à cidade barrada: o eu e o luto na migração <i>Mariana Rodrigues Anconi</i>	33
Estrangeiro na própria língua: Lisboa revisitada <i>Inês Catão</i>	51
Especificidades na escuta psicanalítica ao habitar o estrangeiro <i>Daniela Taulois</i>	61
A arte de navegar no processo migratório <i>Renata Volich Eisenbruch</i>	79

Atravessamentos	99
<i>Daniela Escobari</i>	
Desterrados afora e adentro: notas sobre o estrangeiro que reside em nós	111
<i>Alfredo Gil</i>	
Psicanálise no Reino Unido: ascensão e declínio	125
<i>Elis Cristina Davila Fernandez</i>	
Conceitos e práticas	143
<i>Érica Raquel Rocha de Oliveira</i>	
Deixar-se causar pela estrangeiridade	159
<i>Gabriela Gomes Costardi</i>	
Um fantasma de nossa época?	173
<i>Maria Roneide Cardoso</i>	
“Eles não sabem que lhes trazemos a peste...”	189
<i>Mauricio Lessa</i>	
A língua e o infantil: uma experiência de acolhimento à criança na perspectiva de uma estrangeira	201
<i>Roberta Mazzilli</i>	
Migração e desenraizamento: criando um país psíquico para a solidão no contexto da intervenção mãe-bebê	223
<i>Stephania A. R. Batista Geraldini</i>	

A psicanálise se resume a um divã?: impressões de uma psicanalista (em formação) na Holanda	241
<i>Carolina Moreirão</i>	
Do estranho ao familiar	255
<i>Maria Fernanda Schneider</i>	
Análise é feita na língua do amor	267
<i>Priscylla Costa</i>	
Psicanálise aflora: estilhaços de encontros estrangeiros	281
<i>Manoel Luce Madeira</i>	
Sobre os autores	301

Apresentação



Atravessar fronteiras é uma prática bem conhecida por todos nós que deitamos nossas cabeças num divã a percorrer os labirintos e bordas do inconsciente. Ao atravessá-las estamos advertidos de que as marcas deixadas não podem ser desfeitas em sua radicalidade.

Na clínica, o ato do analista promove abertura para caminhos até então desconhecidos pelo sujeito, possibilitando que explore suas próprias fronteiras. Nesse sentido, cruzar esses limiares remete ao desconhecido em nós, mas não só. Neste livro queremos discutir outros atravessamentos que envolvem escolhas (forçadas ou não) a respeito dos deslocamentos geográficos e do lugar de estrangeiro para o analista e os analisandos.

Por que alguém decide mudar de país? Nós que investigamos o sujeito do inconsciente não temos pressa em responder tal pergunta, pois há uma parcela da resposta que se refere ao campo particular, não universal. Porém, não rechaçamos de modo algum os inúmeros motivos, inclusive de base política e cultural, que fazem

parte de uma possível resposta a essa pergunta. Também não podemos deixar de pensar que essa movimentação da massa humana talvez produza algum efeito no campo dos laços simbólicos. Somos 272 milhões de migrantes no mundo.

Zygmunt Bauman, em seu livro *Strangers at our door*, aponta para um aspecto que também nos interessa: considerar as migrações de massa como efeito e não causa de alguns problemas no mundo. Essa perspectiva traz questionamentos sobre o lugar do estrangeiro na cultura, considerando que, de certa forma, é o “portador das más notícias”. Para o autor, o estrangeiro é a incorporação do colapso de uma “ordem” que tem perdido sua força. Além disso, esse estrangeiro é “quem traz as más notícias de algum canto do mundo até os degraus de nossas portas. . . . Eles nos informam e continuam nos lembrando daquilo que gostaríamos de esquecer ou, ainda, que fosse embora”¹.

Esse lugar que causa desconforto e revela algumas estruturas nos interessa como psicanalistas. Seguindo as formulações de Bauman, investigamos o que a práxis psicanalítica poderia nos ensinar a propósito desse movimento migratório intensificado.

O estrangeiro é uma palavra cara à psicanálise. Freud, a partir do trabalho de escuta com pacientes histéricas, constatou que havia um saber estranho ao próprio eu que, na transferência, encontrava vias de se manifestar. Esse saber “estranho”, que escapa ao eu e revela uma verdade própria, pode ser entendido como o estrangeiro em cada um de nós.

Assim, na perspectiva psicanalítica, independentemente do país ou da cidade em que se esteja, ocupamos um lugar de estrangeiro em relação a nós mesmos. A autora Julia Kristeva fala desse

1 Bauman, Z. (2016). *Strangers at our door* (p. 16, trad. nossa). Cambridge: Polity.

aspecto do estrangeiro no eu: “Eu faço o que se quer, mas não sou ‘eu’ – meu ‘eu’ está em outro lugar, meu ‘eu’ não pertence a ninguém, meu ‘eu’ não pertence a ‘mim’. . . ‘eu’ existe?”² Nesse sentido, podemos entender que, aonde quer que vá, o sujeito será um estrangeiro de si.

Para este livro, buscamos investigar de forma mais detalhada os aspectos que envolvem o lugar do analista estrangeiro na radicalidade de uma cultura outra, que põe em suspenso, em certa medida, as referências em relação ao país de origem. O leitor poderá constatar que os textos aqui presentes seguem a fluidez desta pergunta: que “eu” agora fala? Como mencionamos, esse “eu” que já não nos pertencia, ao ser desterrado, volta a se questionar. Pergunta que não cessa de repetir nas análises que ocorrem alhures, fora da terra natal, e na escuta dos analistas; aqui também no lugar deslocado que a nova terra oferece.

O tema do livro parte de uma “psicanálise afora”, por nosso interesse em pesquisar sobre os movimentos migratórios de psicanalistas brasileiros. Já dissemos em nosso podcast³ e reafirmamos aqui: não se trata de uma psicanálise à brasileira, mas de considerar o que esses analistas atravessados pela cultura brasileira pensam e elaboram sobre sua prática em outras culturas. Trata-se de uma oferta de espaço de fala a esses analistas que optaram pela travessia geográfica e viveram, ou ainda vivem, na dialética constante do

2 Kristeva, J. (1994). *Estrangeiros para nós mesmos* (p. 16, Maria Carlota Carvalho Gomes, Trad.). Rio de Janeiro: Rocco.

3 Podcast *Psicanálise Afora*: entrevistas realizadas com psicanalistas brasileiros que moram e trabalham em diferentes países. Para acessar os episódios, use os QR Codes em cada capítulo ou as plataformas Spotify, Google Podcasts e Apple Podcasts. Ao apontar a câmera do seu celular para o QR Code, um link aparecerá em sua tela. Clique nele e a página com o logo do podcast *Psicanálise Afora* aparecerá. Nesta página, mais abaixo, você poderá clicar no “Play” para ser conduzido à escuta da entrevista. O QR Code deste capítulo leva ao primeiro episódio, que apresenta o projeto.

sentir-se ou não em casa. Um espaço de reflexão desses analistas brasileiros que não só atravessaram fronteiras físicas, mas se deixaram atravessar pelos inesperados efeitos das migrações.

O leitor tem em mãos um material que percorre aspectos atuais a respeito da prática da psicanálise em pelos menos sete países diferentes. Partimos da hipótese de que a clínica do psicanalista estrangeiro é marcada pelas vicissitudes em relação à cultura, à língua e às políticas entre territórios. Encontramos nas próximas páginas relatos sobre os efeitos produzidos por esse estrangeiro que se concretiza, que toca no real, seja na língua outra, seja nesse eu do outrem que inevitavelmente causa desconforto.

Assim, colocamos nossa primeira pergunta que guiará as dezoito produções deste livro: Quais os efeitos na prática analítica quando consideramos as fronteiras geográficas, linguísticas, políticas e culturais? Em um segundo momento, teremos como pergunta: Quem é esse sujeito migrante que fala e esse sujeito migrante que escuta?

Em busca de alguns caminhos para essas perguntas, tivemos como metodologia para composição do livro a realização de entrevistas com os autores convidados, psicanalistas brasileiros, que moram (ou moraram por um período) e clinicam fora do Brasil. As entrevistas tiveram como objetivo principal oferecer um espaço de fala a esses psicanalistas a respeito de sua experiência de escuta enquanto analistas estrangeiros. Também visaram fornecer conteúdo para que cada autor pudesse elaborar seu texto e, por conseguinte, pudesse em sua escrita tocar os temas propostos. As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos autores e publicadas em formato de episódios para o podcast *Psicanálise Afora*.

O exercício da psicanálise sempre foi (especialmente nas linhas freudiana e lacanianiana) muito atento à língua materna – podemos verificar a atenção que Freud sempre colocou nas palavras ditas e

sonhadas, tomando o cuidado de considerar as nuances da língua materna caso o paciente fosse estrangeiro. Freud ainda nos inspira em algumas questões, como: estivesse o paciente estrangeiro em seu país, o mesmo sonho, o mesmo ato falho teriam ocorrido? Como o deslocamento geográfico atravessa o que se produz em análise?

Temos, neste livro, a honra de contar com um grupo de autores psicanalistas que, em sintonia com as nossas questões, apostam nesse projeto como uma forma de viabilizar uma espécie de documentação de cada percurso e história com a marca da psicanálise.

Podemos imaginariamente acreditar que formamos um grupo de psicanalistas pelo mundo afora, porém, ao entrar em contato com as narrativas do livro, nos questionamos se essa seria uma hipótese correta, haja vista as particularidades do percurso de cada analista em terra estrangeira, o que nos coloca em contato com a especificidade do trabalho e do estilo de cada atravessado pela psicanálise.

Estamos de acordo que o analista opera de uma posição estrangeira em sua função na clínica. No entanto, consideramos que esse lugar está atravessado pelas marcas da cultura do lugar que habita. Nesse sentido, essa função não se reduz apenas a uma estrangeiridade em relação ao outro.

Além da questão do estrangeiro, outros aspectos foram investigados. Os textos são um produto da articulação do que os autores pensam sobre: o lugar da psicanálise nos diferentes países; o modo como os pacientes têm chegado aos consultórios; espaço da psicanálise nas políticas públicas de saúde; planos de saúde; o uso de tecnologias para atendimentos a distância; produção e teoria em outra língua; atender pacientes em outra língua que não seja a materna; fazer análise em outra língua; o aspecto da felicidade na migração etc.

Alguns dos temas que o leitor navegará por estas páginas falam sobre o desenraizamento; o atendimento com crianças estrangeiras; o luto da perda da cidade ideal; a noção de pertencimento; o lugar do divã em determinada cultura; a língua em que se faz uma análise; o percurso de formação do analista estrangeiro; entre outros. Não pretendemos que este livro responda a todas as questões. Ainda, é bem possível que muitas outras investigações pudessem ter sido feitas. Mas esperamos que a curiosidade e o interesse instigados pelos textos sobre esse sujeito migrante que leva consigo o ofício da psicanálise produza ainda mais perguntas sobre esses deslocamentos.

Também se faz importante mencionar que as entrevistas ao podcast foram realizadas antes da pandemia de 2020, porém o período de confecção dos textos pelos autores foi atravessado por ela, provocando devastação e sofrimento em níveis jamais imaginados por nós. Assim, alguns autores teceram comentários sobre esse contexto.

Usando uma bela expressão de Pablo Neruda, vamos ao longo do livro escrevendo, escutando nossos pacientes e a nós mesmos, perguntando se as “raízes de meu sonho” podem ser transplantadas. É possível que esse intenso movimento humano provoque mudanças subjetivas naquele sujeito que logra migrar seus sonhos e habitar novas terras sem que a nostalgia e a saudade sejam efeitos inevitáveis.

Queremos com este projeto documentar as ideias deste grupo que contemporaneamente exerce a “psicanálise (a)fora” e deixar marcas para as novas gerações de psicanalistas migrantes.

Eliana dos Reis Betancourt e Mariana Rodrigues Anconi

ESTADOS UNIDOS

Um país chamado psicanálise

Eliana dos Reis Betancourt



*Todos vamos pasando y el tiempo con nosotros:
pasa el mar, se despide la rosa,
pasa la tierra por la sombra y por la luz,
y ustedes y nosotros pasamos, pasajeros.*

Pablo Neruda, “El barco”

A partida

A blusa azulada que deveria chegar em Nova York bonitinha estava molhada e enrugada pelas insistentes lágrimas do meu filho de 11 anos. Eu trazia uma criança embrulhada nos meus braços, chorando a dor da despedida. Na partida, seus amigos da escola se reuniram no aeroporto e sentaram em um grande círculo, como se ainda estivessem fazendo um trabalho em grupo. Tratava-se de um ritual tribal de separação, dor e processo dessa perda para sempre. Às vezes penso que ele sabia que não haveria volta. Fez seu luto nesse primeiro trajeto. No entanto, eu e seu irmão mais velho

pensávamos que se tratava de uma grande aventura. Como todas as aventuras, possivelmente passageira.

Em que momento decidimos deixar tudo para trás e enfrentar o novo, desconhecido e quase impossível? Freud (1925/1976) fala que existem três impossíveis: educar, governar e curar. Será que poderíamos hoje incluir um quarto impossível, que seria migrar?

Gostaria de pensar neste escrito em algumas impossibilidades da migração. Ao mesmo tempo, refletir sobre aquilo que, no clínicar no estrangeiro, no escutar dos que concretamente tornam-se estrangeiros, entendemos como a necessidade da migração. Proponho a migração como um movimento que se situa entre o impossível e o necessário. O necessário sendo aqui o inevitável para a sobrevivência e sanidade do sujeito. No referente à sobrevivência, lembremos que sair de sua terra, em casos extremos, é o que permite que alguém não morra, que mantenha sua sanidade física. Enquanto em outros casos, e não são excludentes, sair significa a manutenção da sobrevivência psíquica.

Em 1995 subimos naquele avião esquecendo ou talvez não sabendo que migrar significa perder, deixar para trás, ganhar, aprender tudo, quase tudo novamente. Migrar significa reescrever o que desde o nascimento foi se acumulando em nosso balaio da experiência do mundo.

Quando partimos desse berço inicial, toda a trama dos vários fios que formam a frase “esta é minha cidade” se desfaz. Essa trama construída por mapas diversos, desenhados em nossas memórias por linhas às vezes reais e, na grande maioria, imaginárias. O lugar de origem está inscrito e reinscrito em nossa mente como um enredo formado de sons, cheiros, paisagens, texturas, temperos e silêncios. Todos esses elementos, minuciosamente embalados por nossa língua materna. A trama se desfaz, não significa que desapareça. Os caminhos simbólicos da nossa terra grudaram na pele e,

de maneiras diferenciadas para cada sujeito, serão nossa bússola para a construção do novo entrelaçamento, no próximo espaço, no próximo mapa.

Elena Ferrante, autora italiana, escreveu colunas semanais para o *The Guardian* durante o ano de 2018. Essas colunas foram reunidas em um livro intitulado *Incidental inventions* (Ferrante, 2019). Numa dessas colunas ela explica que ama seu país, mas que não possui espírito patriótico, por exemplo, que não come pizza e que fala baixo. Ela escreve: “Características nacionais são simplificações que deveriam ser contestadas. Ser italiana, para mim, começa e termina com o fato de que eu falo e escrevo na língua italiana” (Ferrante, 2019, p. 23, trad. minha).

Ferrante parece ser um exemplo do sujeito que nasce, segue vivendo e mais ainda escreve literatura na língua que desenha os contornos da sua terra de origem. Na mesma coluna, ela faz um elogio aos tradutores: “meus únicos heróis são os tradutores . . . Tradução é a nossa salvação: nos retira do poço no qual, inteiramente por acaso, nascemos” (Ferrante, 2019, p. 24, trad. minha).

Ferrante traz nas suas palavras a fantasia de que habitando outra língua entramos também naquele outro mundo, país, cidade. Provavelmente, refere-se ao fato de que (imagino) a própria autora, circulando do dialeto napolitano ao italiano, passou a viver em outro mundo, a ter outra vida. Mas será que a troca de país nos permite trocar a embalagem do nosso mapa inicial? Ou seja, algum dia seremos parte desse novo mapa que construímos quando migramos? Ou é possível que esse mapa não passe de uma reinscrição, então traduzida, do nosso velho papiro?

É bem conhecida a entrevista que Hannah Arendt concedeu a Gunter Gaus para a televisão alemã em 1964.¹ Fala da língua

1 Traduzida para o português e publicada sob o título “Só permanece a língua

alemã como formadora do seu pensamento. Como do lugar onde procura alento. G. Gaus pergunta a H. Arendt se ela sente falta da Alemanha pré-hitleriana. Ela responde: “A Europa do período pré-Hitler? Eu não posso dizer que não tenho nenhuma nostalgia. O que permanece? A língua permanece” (Arendt, 1994, p. 12, trad. minha).

Fala da língua alemã como o que a define, assim como Ferrante se define italiana pela língua que fala. Ferrante e Arendt definem seu pertencimento ao mundo, e às identificações, em termos de língua. Não se definem em relação ao território habitado. Por mais que, norteados pela teoria psicanalítica, privilegiemos o estatuto da língua, penso que há algo do concreto da terra, que se expressa na língua falada, que é potencializado por esse efeito extremo chamado nostalgia.

Barbara Cassin (2016) traz de forma clara e poética o conceito de nostalgia, utiliza-se das palavras de Ulisses respondendo ao pedido de Calipso, que lhe oferece amor, poder e imortalidade:

Nostalgia é o que faz alguém querer ir para casa, mesmo que signifique lá encontrar um tempo que passa, morte – e pior, idade avançada – em vez de imortalidade. Tal é o peso do desejo de retornar.

Ulisses responde . . .:

“Deusa e rainha, não fique brava comigo. Eu mesmo sei que tudo que dizes é verdade e que a circumspecta Penélope nunca poderá se comparar a sua beleza e posição. No fim das contas ela é mortal, e você é imortal

materna” na coletânea de textos de Hannah Arendt *A dignidade da política* (Relume Dumará, 1993).

e eterna. Mesmo assim, o que eu quero e todos os meus dias anseio é voltar para minha casa e assistir meu dia da chegada.” (Cassin, 2016, p. 12, trad. minha)

O descolamento da terra natal produz também as fantasias de encontro com um novo que se assemelham de forma intrigante com as fantasias produzidas pelo retorno (Ulisses) ou com o desejo de retorno a essa mesma terra. Inevitável que o migrante sonhe com o retorno e a chegada a sua terra. Imagina as calorosas festas de recepção que encontrará. Inevitavelmente, de volta ao seu divã, lamenta não ter encontrado o que sonhou. A terra já não é sua. Na verdade a terra nunca foi sua, mas o deslocamento migratório produz esse estado onírico de um pertencimento que o sujeito tinha, mas perdeu.

Esse deslocamento entre mares inicialmente produz a fantasia de que o famoso sentimento oceânico de Freud (1927-1929), a sensação primitiva de que entre o eu e o mundo não há separação, existiu, existe e poderá ser retomado. Chegando ao novo país sentamos no incrível poço onde o personagem de Murakami (1998) buscava abrigo para pensar. Atravessamos a toca do coelho onde Alice entrou. Como ela, começamos a fazer mil perguntas, bem como a tomar mil cuidados:

“Por favor, minha senhora, aqui é a Nova Zelândia ou é a Austrália?” (e tentou fazer uma mesura enquanto falava – imaginem fazer uma mesura enquanto se está caindo! Vocês conseguiriam?). “E que menina ignorante ela vai pensar que sou, por perguntar isso! Não, melhor não perguntar nada: quem sabe eu veja escrito em algum lugar.”. (Carroll, 2016, p. 9, trad. minha)

Alice descreve nesse trecho a imensa sensação de inadequação que a entrada nesse mundo outro desencadeia.

Seguir viagem

No texto “Romances familiares”, Freud (1906-1908/1969) nos lembra de uma fantasia muitas vezes encontrada na clínica psicanalítica: *eu não pertença a essa família*.

O sentimento de estar sendo negligenciado constitui obviamente o cerne de tais pretextos . . . ou que não está recebendo todo amor dos pais, e principalmente em que lamenta ter de compartilhar esse amor com seus irmãos e irmãs. Sua sensação de que sua afeição não está sendo retribuída encontra abrigo na ideia, mais tarde lembrada conscientemente a partir da infância inicial, de que é uma criança adotada, ou de que o pai ou a mãe não passam de um padrasto ou de uma madrasta. (p. 243)

Atravessamos, segundo Freud (1908/1969), os espaços psíquicos entre uma possível idealização dos pais da primeira infância, passando por uma decepção, e chegando provavelmente à criação da fantasia de não pertencer, de não fazer parte daquele grupo nuclear que tão pouco tem a oferecer. Seja a criança, seja o púbere imaginando-se como adotado ou enteado. Esta seria então a tentativa de engendrar novos significantes em sua cadeia de pertencimentos: pais mais inteligentes, mais belos, mais ricos e bem-sucedidos. Enfim, o devaneio requer pais mais bem-nascidos e de “melhor linhagem”.

No entanto, esse escrito de Freud apresenta uma resolução psíquica bastante terna:

Se examinarmos em detalhes o mais comum destes romances imaginativos, a substituição dos pais, ou só do pai, por pessoas de melhor situação, veremos que criança atribui a esses novos e aristocráticos pais qualidades que se originaram das recordações reais dos pais mais humildes e verdadeiros. Dessa forma a criança não está se descartando do pai, mas enaltecendo-o. (Freud, 1908/1969, p. 246)

Enfim, a busca desses novos progenitores imaginários tenta cumprir a função de tamponamento das faltas e falhas que a castração, ao entrar em atividade, aponta não só para a criança como para seus pais. Parece, se seguirmos a proposta freudiana, que ainda existe uma última oportunidade de tentar burlar a castração caso se descubra uma nova e mais valorosa filiação. Uma nova filiação que jogue o sujeito de volta aos tempos em que os pais de origem eram perfeitos e o paraíso ainda não se perdera.

Será que quando decidimos ou ainda sonhamos em mudar de país ou mesmo de cidade existe esta busca por país (ou pais) que cumpririam a função dos pais aristocratas de Freud?

Uma jovem que migrou por volta dos 27 anos e construiu uma carreira bem-sucedida em Nova York me diz: “A melhor decisão que tomei em minha vida foi mudar de cidade, mudar de país, pois eu pude comprovar que as coisas também funcionam comigo em outro lugar”.

Para essa mulher, o laço simbólico que seu país de origem oferece não parece ser suficiente para lhe devolver o olhar de confirmação de que “as coisas funcionam”. Um novo país, um novo

detalhamento significativo e, por consequência, simbólico, lhe retornou (imaginariamente) como uma nova filiação bem-sucedida. Ocorre que aqui me convém deveras apoiar-me nas observações do texto freudiano. O que a jovem espreita como uma filiação “mais bem-sucedida” não passa de um enaltecimento de uma já bem estabelecida função paterna. Sem a estrutura psíquica que veio dentro da sua mala de mão, o sucesso alhures não haveria ocorrido.

Se a aproximação com o texto freudiano que proponho é defensável, teríamos apenas uma nova variável no que concerne à migração. O novo país seria a nova família aristocrática. Como no romance familiar, o migrante reconstruiria, no seu imaginário, o país de origem, sempre com o elemento da nostalgia melancólica como tempero dessa reconstrução. A nova variável é que o migrante precisa também criar o novo país. Parece uma convergência impossível, mas que acaba sendo a construção narrativa de cada migração. Aqui o impossível do migrar se impõe.

E agora, pertencer...

Em “Psicologia de grupo e análise do ego”, Freud (1921/1996) situa nossas origens no grupo, manifestado pela primeira vez como a horda. Para Freud, a civilização leva progressivamente os indivíduos a se estabelecerem como separados, capazes de se opor à psicologia de grupo que ameaça aprisioná-los e deixá-los impotentes. Os grupos são carregados de eros, que ao mesmo tempo nos une e nos separa. Quanto mais desejamos pertencer ao grupo, mais forte é a regressão que nos liga a ele. Freud traduz nosso desejo de pertencer como expressão de necessidades infantis voltadas para um líder a quem nos submetemos e, portanto, que sempre incorporará uma fantasia sobre o pai primordial que amamos e assassinamos.

A partir dessa leitura, pertencer para Freud não passa de um deslocamento de necessidades narcísicas para a fantasia de um grupo, um desejo de unidade ou uma fuga da solidão da separação em direção contrária à unidade oceânica. Algo impossível.

Agora, como migrar e não reativar, nem mesmo sustentar, essa fantasia de pertencimento?

Aqui, um fragmento clínico para pensarmos nesse impossível chamado pertencer.

George² é um rapaz de 29 anos, educado nas melhores instituições de ensino do mundo. Culto e herdeiro de uma família extremamente religiosa e com valores morais tradicionais. Nasceu e cresceu numa região bastante reclusa do interior do seu país. A chegada em análise traz uma questão: “não sei se gosto de mulheres ou de homens”. Ele deixa muito claro que, por mais que eu tente, jamais vou entender de onde ele vem, “namorar um homem é absolutamente impossível para mim”. Certa vez pergunta: “será que a atração por homem é tão forte assim que tenho que jogar tudo para o alto?”.

George explica que sua mãe é muito ligada à própria mãe, irmãs e irmãs: “ela na verdade nunca saiu da casa da mãe”. Em sequência a essas lembranças, questiona: “se tudo desse errado na minha vida eu perderia esse porto? O amor dos meus pais, a compreensão deles?”. Ele justifica esse sentimento com o fato de ter muitas raízes com sua cultura e de os pais terem feito um bom trabalho na sua educação. Nesse momento do tratamento, “tudo dar errado” era a frase que recobria a ideia (desejo?) de não casar com uma mulher. Conforme George vai desenvolvendo laços na e com a nova cidade, suas palavras de permissão e autorização se dirigem a esse lugar que ele começa a chamar de seu; “essa cidade

2 Nome e referências importantes sobre o paciente foram modificadas.

é legal, aqui não tem arbitragem”. Ele teme fazer escolhas que “não me permitam voltar atrás”.

Seu trabalho em análise segue de maneira corajosa e aos poucos ele se deixa apaixonar por um homem. Algo do amor começa a surgir e conjuntamente o ânimo de dividir com a família suas descobertas emocionais. Não foram poucos os momentos em que George questionou se gostaria ou não de viver nos Estados Unidos. Colocava defeitos no país, nos estadunidenses, na política e assim por diante. Viajava para seu país de origem e voltava também desprezando os mesmos traços.

Um dia determina: “Não tenho mais saúde para ter medo!”. Resolve contar para os pais que está saindo com um homem. O pai reage calado e mãe chora muito e diz: “você já conseguiu uma vez, agora vai conseguir de novo”. Aqui aprendemos, eu e meu paciente, que na sua infância a mãe o colocou em terapia porque havia suspeita de que era um menino afeminado.

Alguns dias após a conversa com os pais, George sonha que havia um barulho infernal na rua, uma mulher com uma escopeta está dominando a multidão. Ela tenta matá-lo várias vezes, mas não consegue, ele escapa. Ao analisar o sonho, ele o associa com sua luta contra uma possível morte / assassinato do seu desejo.

Por que resolvo trazer um exemplo que mescla mudança de país com busca do desejo? Quero aqui sugerir que essa fantasia de pertencimento que se confunde com agradar ao grupo é vivida seja no lugar de origem, seja no país para o qual se migrou. Ocorre que, de qualquer forma, como Freud nos adverte, estamos sob a espada dos perigos aprisionantes do grupo. A falta de arbitragem que George reconhece na sua nova cidade de escolha talvez se trate de sua separação, via análise, da arbitragem que sua família exercia sobre ele. O temor de perder o amor dos pais, esse “porto”, nos fala desse lugar perdido e que possivelmente nunca existiu.

Sabemos que as identificações trazem boas pitadas de invenção e imaginação, sem as quais não poderíamos constituir nossas narrativas de vida. Não arriscamos nem ter certeza da existência dessa família tão unida, poderosa e segura que George diz existir e teme perder. De qualquer forma, ele está correto quando diz que “os pais fizeram um bom trabalho”, e crê no poder dessas injunções familiares.

Em tempos que se misturam com escolha de país, de objeto amoroso e possível perda do paraíso perdido (família como porto seguro), George adquire seu direito de residência permanente nos Estados Unidos. Comenta: “Ser cidadão pleno de algum lugar é muito bom!”.

De que plenitude estaria George nos falando? E sua análise continua... como continuam as procuras, parte da condição humana, impossíveis pela plenitude.

Freud, na virada do século XX, deixa clara essa fantasia subjacente de pertencimento, que continua a exercer seu poder um século depois. Pertencer é uma moeda corrente nos debates políticos contemporâneos. Apela ao pertencimento como medida de solução para migração, exclusão, multiculturalismo, racismo, sexismo e todos os “ismos”. Esse cenário político exemplifica o que a psicanálise tem apontado ao longo de um século – esse pertencimento existe no reino do desejo.

Se tomamos a sério o que Freud nos ensina, não se trata simplesmente de organizar uma oferta de pertencimento, talvez seja bem mais complicado do que se prega no discurso das políticas identitárias. Nesse eterno paradoxo de pertencer (no caso de George, seja ao grupo familiar, seja ao desejo aparentemente solitário e ligado à expulsão do paraíso), surge o desafio de encontrar maneiras de pertencer que nos deixam menos vulneráveis à dinâmica

de grupo sobre a qual Freud adverte. Outra possibilidade seria sucumbir às ilusões e decepções implicadas no pertencimento.

Descubro a psicanálise muito cedo; aos 19 anos, fui escrevendo e reescrevendo esse mapa de forma persistente. No segundo ano de minha migração mudei para Boston, Massachusetts, e lá morei por sete anos. Ainda não clinicava e sentia a extrema angústia de ter perdido tudo. Andava pelas ruas buscando algo que não sabia ainda o que seria. Na porta de uma linda casa vitoriana li a palavra “*Psychoanalysis*”. Literalmente, bati na porta. Era uma escola que ensinava uma psicanálise meio diferente da que eu conhecia, mas falávamos uma língua comum e o mapa da navegação era o mesmo: chamava-se inconsciente. “Pertenci” a esse grupo por muitos anos. Esbravejava, chorava e sofria por não poder expressar melhor, nessa nova língua, o que eu entendia por psicanálise, que diferia bastante do entendimento que eles tinham. Era um pertencimento frágil, imaginário, mas que me permitia “pensar que pertencia”. Produzia-se uma nova falta, um novo túnel de Alice que criava perguntas e pensamentos.

De volta a Nova York, de novo andava e procurava. Também um grupo psicanalítico me acolheu; dessa vez, falávamos a mesma língua (estudavam Lacan). Sentia-me mais em “casa” e à vontade. Depois desse encontro amoroso bem-sucedido, impôs-se que eu estudasse quatro anos numa escola da International Psychoanalytical Association (IPA) para recolher as credenciais necessárias para a licença no estado de Nova York (a licença de Boston não me permitia trabalhar lá). Mais uma vez me afastei da minha língua tranquila da psicanálise freudo-lacanianiana e tive de aprender Klein, Kohut, Kenberg, Fonnagy e assim por diante. A leitura em inglês já não constituía tanta barreira, mas eu estava permanentemente me traduzindo. Até que resolvi fazer uma análise em inglês e a língua resolveu em mim se hospedar.

De alguma forma, nessas décadas de migração, foi a psicanálise que me deu coragem de não pertencer e foi também a psicanálise que me deu o imaginário de pertencer. Foi a língua que nunca perdi, foi a terra que sempre existiu, foi a água em que sempre naveguei.

Se aceitarmos a palavra de Freud, teremos pouca esperança de que alguém possa pertencer sem acabar sendo tomado por armadilhas da própria dinâmica inconsciente. Se Freud nos deu a ciência e a solidão como suas soluções, resta-nos encontrar nossas próprias maneiras singulares de viver nesse paradoxo, especialmente em nosso encontro com a psicanálise.

Pertencer necessariamente implica nostalgia. Como migrantes, alguns de nós lutaremos para pertencer. Ocorre que, por termos deixado nosso primeiro país, imaginamos que a dor do pertencimento acontece porque “eu não sou daqui”. Esquecemos, ou não sabemos, que nunca somos ou pertencemos a lugar algum. Vamos homenagear nossas origens e seguir caindo no buraco de Alice ou sentando no poço de Murakami. E os buracos se fazem e refazem, construindo novas tramas e nostalgias.

A última casa

A menina de 4 anos irrompe na sala de sua casa, gritando: “ele morreu, ele morreu!”. O pai rapidamente a acode e pergunta: “quem morreu?”. Menina: “ele, meu boneco”, diz, olhando para seus braços estendidos, onde o boneco se apoia sem vida.

Trata-se do seu boneco de estimação, seu objeto transicional. O pai oferece para ajudar e pergunta o que devem fazer. Ela responde que precisavam fazê-lo ressuscitar. O pai prontamente se oferece para auxiliar no processo, ao que ela responde: “Não, eu faço!”.

Volta para o quarto e, em seguida, vocifera: “Ele está vivo! Ele está vivo!”.

Este texto está sendo escrito quando a morte, ao contrário do texto de Saramago (2005), não está sofrendo intermitências. Nesse livro, ele conta a fábula ocorrida em algum canto escondido no mundo onde a morte suspendeu suas atividades.

Em 2020, a morte resolveu trabalhar sem sossego em todos os lugares do planeta. A covid-19 se hospedou no mundo. Da criança de 4 anos aos idosos de muitos, o supremo medo, que se instala desde cedo na vida, perde a capacidade de se esconder. A morte é visível, palpável, birrenta. Escuta-se a morte nas insistentes sirenes voando pelas ruas de Nova York. Constantemente, receia-se a morte.

A menina processa a possibilidade mágica da ressurreição, precisa reconstruir o imaginário da não morte. Pede ao pai uma testemunha desse momento milagroso, de sua dor e de sua felicidade recuperada. O pai e sua voz suave e firme, funcionando nessa cena como o apoio simbólico necessário para transpor o medo da morte e das perdas. Senão, como seguir vivendo?

Stella foi uma de minhas primeiras pacientes nesse país. Ela não possuía documentos de migração, veio ao encontro do namorado, que havia migrado antes dela. Construíram toda uma vida em que couberam filhos, trabalho e amor. Apenas o documento de legalização não vinha. Trabalhávamos havia algum tempo e seu avô morreu. Caso Stella saísse do país, não poderia mais entrar. Um tempo depois sua avó morreu.

Seus pais eram divorciados. Após um ano da morte dos avós, sua mãe é diagnosticada com câncer. Stella sofre por não poder cuidar dela. Atravessamos esses tempos trabalhando o luto dos avós e o fato de ela não poder voltar ao Brasil. Sua mãe morre.

Como analista, apesar de tentar, como mandam as regras: não desejar nada para meu paciente, acabo pensando: “tá bom, agora basta, dona Morte!”.

Depois de um ou dois anos, não estou segura do tempo entre os fatos, a mulher do pai de Stella, sua madrasta, mata o marido. O pai de minha paciente morre e a madrasta vai presa. Até hoje lembro da sua pergunta: “dra. Eliana, nunca me será permitido enterrar meus mortos?”.

No primeiro capítulo de seu livro *Nostalgia* (2016), Barbara Cassin conta sobre o retorno ao lugar que considerava seu lar apesar de lá não ter nascido. Relata a ida a Córsega para enterrar o marido, seu amor: “É lá, ao lado dele, que tenho meu túmulo, que por agora ainda está vazio, num solo que não pertence – nosso, não nosso” (p. 3, trad. minha).

Cassin nos ensina sobre a hospitalidade da família corsa que, quando o túmulo do marido ainda não estava pronto, ofereceu-lhe que enterrasse o corpo do marido na tumba da família. Quanta generosidade em oferecer lugar de repouso entre seus mortos! Sem dúvida, foram os mesmos que ofereceram espaços entre os vivos e lhe abriram as portas de uma nova casa, de um novo lugar. Que fazer quando não podemos enterrar nossos mortos? Quando não podemos morrer na nossa casa?

No comovente filme *Moscou em Nova York* (1984), Robin Willians atua como um músico do circo russo que, ao vir apresentar-se em Nova York, resolve desertar e permanecer no país. O filme nos fala de várias idiossincrasias da migração. O encontro com a pobreza e as dificuldades não tão diferentes de sua abandonada União Soviética; a dificuldade em expressar-se na nova língua; a saudade da família. Entretanto, uma situação emblemática dessa distância se apresenta. Quando seu avô morre na União Soviética e ele não pode voltar, vai para um bar russo beber e chorar em

russo, com os seus. Talvez a morte só possa ser chorada na língua materna.

Sempre gostei de cemitérios; quando visito uma nova cidade, procuro saber onde fica o cemitério. Creio que minha curiosidade se avizinha com a que se apresentou como um sintoma de infância. Cada vez que íamos à casa de alguém, onde antes eu nunca havia estado, eu sempre fazia questão de “precisar” ir ao banheiro. Logo descobri que se tratava de uma artimanha para adentrar nas casas desconhecidas e descobrir algo sobre a forma de habitar dessas novas pessoas. Como eram os quartos, os móveis, as cortinas, as fotos, os objetos. Provavelmente, quero saber como é essa última morada; com lápide, sem lápide, com foto, com flores.

Quando saímos de nossa terra, temos um longo tempo até decidirmos fazer desse outro lugar o nosso, e ali estabelecer a morada eterna. Aqui, outra perda, como comentava um paciente: “que graça tem viver toda a vida numa cidade e não poder ir ao enterro dos que se ama”.

Talvez perder um país esteja muito próximo a perder um grande amor; depois de alguns anos só lembramos dos momentos felizes e lutamos contra a saudade. A nostalgia, essa dor do retorno, vai sempre nos assolar. Também muito tempo há que passar para que nessa nova terra possamos enterrar os que amamos. Podemos apostar em ter o pai da voz afetuosa que sustenta a filha perante o alarme da morte ou a psicanálise para nos navegar sem medo da solidão e da iminência da morte.

Neste momento, enfrentando a pandemia, trabalhando com brasileiros que vivem em Nova York, as sessões apresentam este aspecto da pergunta: o que estou fazendo aqui? Perco a vida no meu país e agora estou perdendo a morte também. Meus pais, irmãos, amigos, como faço para cuidar deles?

A atual morte sem intermitências tem abalado os lutos intermináveis feitos pelos migrantes. Tem deixado que todos sonhemos com a primeira frase de José Saramago (2005, p. 11):

No dia seguinte ninguém morreu.

Referências

- Arendt, H. (1994). *Essays in Understanding. 1930-1954 – Formation, Exile and Totalitarianism*. New York: Schocken Books.
- Carroll, L. (2016). *Alice in Wonderland Collection*. Los Angeles: Enhanced Media Publishing.
- Cassin, B. (2016). *Nostalgia, when are we ever home?* (Pascale-Anne Brault, Trans.). New York: Fordham University Press.
- Ferrante, E. (2019). *Incidental Inventions* (A. Goldstein, Trans.). New York: Europa Editions.
- Freud, S. (1969). Romances familiares. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. IX). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1906-1908).
- Freud, S. (1976). Prefácio à juventude desorientada de Aichhorn. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. IX). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1925).
- Freud, S. (1996). Psicologia de grupo e a análise do ego. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1921).
- Murakami, H. (1988). *The Wind-Up Bird Chronicle*. New York: Vintage.

Saramago, J. (2005). *As intermitências da morte*. São Paulo: Companhia das Letras.



O leitor tem em mãos um material que percorre aspectos atuais da prática da psicanálise em pelo menos sete países diferentes. Parte-se da hipótese de que a clínica do psicanalista estrangeiro é marcada pelas vicissitudes em relação à cultura, à língua e às políticas entre territórios.

Duas perguntas servem como guia através das dezoito produções deste livro: como a prática analítica é afetada quando consideramos as fronteiras geográficas, linguísticas, políticas e culturais? E quem é este sujeito migrante que fala e este sujeito migrante que escuta?

Este projeto documenta as ideias deste grupo que contemporaneamente exerce a “psicanálise (a)fora” e deixa marcas para as novas gerações de psicanalistas migrantes.

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-276-2



9 786555 062762



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

Psicanálise Afora

Percurso e clínica de psicanalistas brasileiros
no estrangeiro

Eliana dos Reis Betancourt, Mariana Rodrigues Anconi

ISBN: 9786555062762

Páginas: 304

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2021
